



A COMUNIDADE DE ILHA DIANA



O QUE ESSE MATERIAL ABORDA?

APRESENTAÇÃO

1. A COMUNIDADE DE ILHA DIANA

APRESENTAÇÃO

Este material foi desenvolvido no âmbito do “Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural (Estudos Diagnósticos e Avaliação Estratégica). Regularização Ambiental do Porto Organizado de Santos. Municípios de Santos, Guarujá e Bertioga /SP”.

O texto reflete a pesquisa realizada entre os anos de 2010 e 2011.

1. A COMUNIDADE DE ILHA DIANA

A população desta comunidade localizada na Ilha Diana, município de Santos, tem cerca de 1.000 pessoas. Hoje, vivem da pesca artesanal de forma integral algumas dezenas de pessoas, entre homens e mulheres, número que tem vindo a diminuir gradualmente como em outras comunidades.

Pelo seu relativo isolamento, uma vez que é acedida unicamente por barco, esta comunidade mantém ainda parte das suas características caiçaras e a tranquilidade.

A comunidade encontra-se delimitada pelo rio Diana a Oeste e Norte, o final do Canal de Bertioiga a Sul e a ilha com suas gamboas a Leste.

Antes da chegada da comunidade caiçara o local era conhecido como Ilha dos Porcos por conta de um rapaz que na época criava porcos na beira da maré. Com a criação da comunidade há quase 70 anos, o local passou a ser designado como Ilha Diana devido ao rio que a contorna.

A dona Dina, falecida em abril/2011, era a última pessoa que pertencia aos primeiros moradores da Ilha Diana, deslocados do Saco da Embira quando da construção da Base Aérea.

A comunidade da Ilha Diana é aquela que, pelo seu isolamento, conserva um maior número de casas típicas da construção caiçara, em madeira, com telhados de 2 ou 4 águas, palafíticas.

As páginas que seguem trazem alguns exemplares de patrimônio material e imaterial presente nesta comunidade.

❖ Embarcações

A embarcação local mais comum era a canoa monóxila, escavada com enxó e machado num tronco único. Eram comuns também as chatas, utilizadas também para transporte de passageiros. Hoje em dia, a comunidade usa as chatinhas para a pesca e as “voadeiras”, pequenas lanchas, para se deslocar nos canais, rios e gamboas.

❖ Redes de pesca

No Passado, as redes eram artesanais feitas de fio grosso, as quais eram banhadas em tinta feita da casca da Aroeira, para preservá-la. Essa tinta era oleosa e também era utilizada nas tarrafas, endurecendo a malha. Os mais antigos ainda sabem fazer redes e tarrafas artesanais.

As duas técnicas para confecção de tarrafas artesanais são: a brasileira com 2 nós e a italiana com 1 nó apenas. Esta última é uma técnica mais rápida e fácil. Para realizar uma tarrafa de 13 braças (a maior), eram necessários cerca de 15 dias. Já a tarrafa de 9 braças, também popularmente chamada de “costeira”, levava menos dias a confeccionar.

❖ Técnicas artesanais de pesca

A pesca mais comum no estuário Santista há cerca de 60 anos atrás, era a pesca de cerco, a qual consistia em deixar um cerco montado nos remansos dos rios e canais, feito com bambu limpo na mão e a rede esticada. De acordo com os mais antigos, um único cerco carregava 2 a 3 barcos de peixe.

❖ O pescado tradicional

O tipo de pescado mais comum, era o Robalo, a Tainha, o Camarão Branco e o Camarão Sete Barbas. A tainha mais comum era a *Trarara*, a qual tinha ovas e era de grande dimensão. Porém, o robalo é escasso e a tainha quase não existe mais.

Prancha 1 - Comunidade da Ilha Diana



Trapiche de acesso à comunidade de Ilha Diana.

Casa caiçara recuperada de acordo com o traça arquitetônica tradicional.



Entrevista à Sra. Antônia Bettencourt de Sousa (Dina), de 93 anos (pescadora aposentada), uma das primeiras moradoras na comunidade de Ilha Diana. Na imagem, a dona Dina segura um retrato do seu falecido esposo. Falecida em abril/2011.



Dona Dina junto à sua segunda casa na Ilha, onde vive atualmente.

